

" O BANDEIRISMO SOROCABANO "

Adilson Cezar. (*)

"Sua vocação está no caminho, que convida ao movimento, não na grande lavoura, que cria indivíduos sedentários." (1)

(1) Holanda, Sérgio Buarque de - O Extremo Oeste. SP. Brasiliense - Secretaria de Estado da Cultura, 1986. p.26.

(*) **Adilson Cesar** é professor de História Social, Política e Econômica Geral e do Brasil; História Contemporânea e Prática de Ensino de História, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

"O BANDEIRISMO SOROCABANO"

Introdução.

I- Situação Geográfica de Sorocaba.

- a) O rio Sorocaba - posição privilegiada.
- b) O caminho indígena - certamente estí
mulo à penetração.

II- Uma divisão didática:

Considerar dois períodos.

- a) 1580 a 1670 - instalação do núcleo.
 - Afonso Sardinha.
 - Os Fernandes.
 - Os Zuñega e os Pohce de Leon.
- b) 1670 a 1750 - a expansão territorial.
 - Os Moreira Cabral.
 - Os Sutil de Oliveira.
 - Os Macieis.
 - Outros.

III- Conclusão.

IV- Referências Bibliográficas.

INTRODUÇÃO.

Nos seus primórdios, Sorocaba constitui-se em um dos grandes polos de sertanistas que cercavam a vila de São Paulo, e como estes, contribuiu também decisivamente para a expansão e conquista territorial brasileira.

No presente estudo, temos um objetivo modesto, o de nomear apenas alguns destes aventureiros e demonstrar, se possível, sua genealogia, bem como a participação de suas famílias nas inúmeras peripécias nas quais se envolveram e resultaram na grandeza de nossa terra.

Necessário se faz observarmos que fica longe de nós a idéia de esgotarmos o assunto, em quaisquer de seus sentidos.

Preocupamo-nos apenas em traçar pálidas linhas do que foi o bandeirismo sorocabano, dado o seu gigantismo e importância para a História Pátria, principalmente porque a grande maioria de sertanistas ficou anônima; quantas proezas, desastres e outras façanhas do cotidiano destes homens, caíram no mais completo olvido, encobertas sempre pela selva bruta e pela hostilidade de seus habitantes.

Outro detalhe que não passará despercebido é o da ausência ou escassez de informações, o que obriga o trabalho a apresentar-se ralo e lacunoso.

I- A SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DE SOROCABA

Sorocaba tornou-se um núcleo bandeirantista, em parte devido às suas condições geográficas, que favoreciam a esse tipo de atividade.

A própria vila era resultado da expansão paulista para o oeste, mas ainda hoje permanecem obscuros os motivos pelos quais fizeram com que a escolha recaísse sobre este sítio.

Aqui nada existia que chamasse a atenção do bandeirante.

deirante; não havia aldeias indígenas, nem tampouco era zona mineira. O quanto muito, dada a situação geográfica, a existência do grande rio que lhe deu o nome, tornando a transposição do mesmo mais acessível e o terreno convidava, quem sabe, ao merecido descanso depois de intensa jornada.

Era portanto o caminho indicado pelas próprias peculiaridades geográficas, somado à necessidade íntima do homem que desejava ver-se perpetuado; foram as razões da escolha dessa região para a fundação do povoado.

A localização do sítio, vai, pois, contribuir, por meio de duas formas intimamente ligadas, para o desenvolvimento do sertanismo: - com o rio e com o relevo que obrigava a condução para esta região das trilhas de bugre. Ambos elementos que favoreceram a mobilidade aos habitantes da vila de Sorocaba.

O RIO.

A posição do rio Sorocaba, como afluente do rio Tietê e a sua navegabilidade, fornecia ao sorocaba no condições de fácil acesso aos campos do sul ou para o oeste. Podia assim ganhar o Tietê, sem passar pelas povoações de Itu ou Araritaguaba. Por isso é quase certo que várias destas aproveitaram-se dessa circunstância e depois dos ofícios religiosos realizados na capela do alto da colina, rumavam em direção da grande ponte. Mesmo mais tarde, quando as monções de Porto Feliz tornaram-se expedições fixas para a realização de negócios, o Sorocaba continuou a ser utilizado; embora em termos de documentação só se conheçam a partida de duas quase que simultâneas por volta de 1727. Para exemplificarmos reproduzimos o seguinte relato de um participante de uma das expedições.

"Eu saí de Sorocaba com quatorze negros e três canoas minhas; perdi duas no caminho e cheguei com uma e com setecentas

oitavas de empréstimo e gastos de mantimento que comprei pelo caminho. Dos negros, vendi seis meus, que tinha comprado fiado em Sorocaba, quatro de uns oito que tinha dado meu tio, e todos dez para pagamento das dívidas. Dos mais que me ficaram, morreram três e só me ficou um único e o mesmo sucedeu a todos os que foram ao Cuiabá. Em fim de vinte e três canoas que saímos de Sorocaba, chegamos só quatorze ao Cuiabá; as nove perderam-se e o mesmo sucedeu às mais tropas e sucede cada ano nesta viagem".(2)

Outros fatores que vêm corroborar para crescer a importância do rio Sorocaba são: - a existência de apenas uma cachoeira, a de Jequitaia, para atingir o Tietê em sua parte navegável; o caudal do Sorocaba era suficiente para a condução das canoas de forma tranqüila e ainda a grande quantidade de gente e de gêneros que daqui saíam como participantes das bandeiras, recorrendo quase sempre às costas dos índios, pois as cavalgadas ainda rareavam e havia o obstáculo das primitivas trilhas. Isso nos parece uma opção bastante desfavorável quando o rio parece gritar: eu sou o caminho. Outro motivo que pesa para a escolha do rio é que as enormes árvores utilizadas para a fabricação dos batelões estavam cada vez mais raras ao longo do Tietê, enquanto pouco acima da vila de Sorocaba, no Jurupará, a madeira ainda se apresentava em quantidade suficiente.

O CAMINHO INDÍGENA

Anterior ao período da fundação da vila de Sorocaba, passava por aqui uma trilha de bugres, caminho este feito pela derrubada da vegetação e do aproveitamento das facilidades de que o terreno dispunha.

(2) Holanda, Sérgio Buarque de - As Monções - Curso de Bandeirolgia. SP.: Departamento Estadual de Informações, 1946. p. 144.

Nada mais era do que picadas intratáveis. Era sem dúvida o célebre "Peabiru" ou Caminho de São Tomé:

- "largo de oito palmos, por onde nascia uma erva miúda que, dos dois lados, crescia até meia vara, e ainda quando queimassem os campos nascia sempre aquela erva e do mesmo modo."(3)

Calcula-se hoje que essa antiga picada, provavelmente, foi a origem das primeiras ruas centrais da póvoação, assim como precursora das atuais estradas, mas de qualquer forma era:

"uma encruzilhada onde convergiam, por onde viajavam e se limitavam, os tupis do Tietê, os tupiniquins e guaianazes de Piratininga, os carijós dos campos de Curitiba, os guaranis do Paranapanema e outros guaianazes, talves das nascentes desse rio."(4)

Foi graças a esse legendário caminho, do qual beneficiando-se os bandeirantes, rumaram para o hinterland brasileiro, desbravando-o e povoando-o.

II - UMA DIVISÃO DIDÁTICA

Com a finalidade de facilitar o nosso entendimento do desenvolvimento bandeirantista na região de Sorocaba, optamos por considerar uma divisão metodológica desse fato histórico.

Assim decidimos considerar dois períodos distintos para o sertanismo:

a) A primeira fase de 1580 a 1670, aproximadamente, que corresponde à presença dos primeiros hómens brancos na região de Sorocaba, até a instalação do núcleo de povoamento. Neste primeiro instante

(3) Holanda, Sérgio Buarque de - O Extremo Oeste - op. cit., p.30.

(4) Almeida, Aluísio - Memória Histórica sobre Sorocaba (I) - Separata da Revista de História, SP.: nº 60 : 335-352., 1964, p. 337.

são os bandeirantes que para cá se dirigem, investem a área, executam as primeiras experimentações e finalmente edificam a povoação.

b) Na segunda fase, de 1670 a 1733, o núcleo populacional de Sorocaba já está concluído e dá continuidade à tradição de suas famílias, constituindo-se num centro gerador de bandeirantes. É o período, por assim dizer, de expansão territorial sorocabana, sendo que os nomes expressivos são encontrados nas famílias entre outras, dos Moreira Cabral, dos Sutil e dos Macieis.

DO PRIMEIRO PERÍODO DE 1580 A 1670:

AFONSO SARDINHA:

O primeiro homem branco que se tem notícia de ter cruzado as paragens de Sorocaba, certamente seguindo os vestígios das trilhas indígenas em direção ao solitário morro do Araçoiaba, foi o português Afonso Sardinha.

Deste sabe-se que chegado do reino em data incerta, casou-se na vila de Santos no ano de 1550, com Maria Gonçalves, filha de Bartolomeu Gonçalves, da família dos Proença, os quais por parte de Antônio Rodrigues de Almeida, traziam o nome Rodrigues.(5)

A partir do ano de 1565, Afonso Sardinha, depois de vender as terras herdadas de Mestre Bartolomeu em Santos, passou a viver na vila de São Paulo, local onde iria morar definitivamente, construindo o seu solar no Butantã.

(5) Amaral, Antonio Barreto de - Afonso Sardinha: um vereador do século XVI. Revista do Arquivo Municipal. Secretaria da Educação da Prefeitura Municipal de São Paulo. SP., nº 178. Jul/Set. 1969. p.41.

Na comunidade escolhida, começou a tomar parte ativa e dentro de pouco tempo, tornava-se uma das principais figuras da Capitania. Empreendedor, fez construir em suas terras, o seu trapiche (engenho de açúcar), ocupou-se de grandes negócios, exportava entre outros marmelada de sua produção e importava diversos produtos, mas o seu maior comércio consistia na importação de escravos africanos.(6)

Tão bem sucedido seria em suas diversas atividades, que lhe dariam o epíteto de "Creso Colonial".(7)

De sua vida pública, pelo que se tem conhecimento, destacou-se entre as autoridades locais em 1572, na qualidade de vereador, cargo este para o qual seria reconduzido em várias oportunidades. Serviu ainda na condição de almotacé e de juiz ordinário.

Entrementes, convivendo com bandeirantes e dotado como era de espírito aventureiro, não deixaria de participar dessas incursões, assim ocorrem vários registros, como a expedição de 1585 ou 1586 contra os carijós. E pelo fato de ser um dos moradores de maior prestígio do local, foi nomeado por Jorge Correia, para o contravertido cargo de Capitão da gente da vila, para defendê-la no momento de perigo e providenciasse para que esta sempre estivesse em condições de resistir a prováveis investidas do gentio.(8)

Participará também de várias expedições mineradoras, descobrindo o minério aurífero, na serra de Jaguaminbada que hoje se conhece com o nome de Mantiqueira; no sítio que agora se diz de Lagoas Velhas do Geraldo, distrito da freguesia da Conceição de Guarulhos em São Paulo; na serra do Jaraguá em São Paulo, onde construiu um estabelecimento e na serra

(6) Amaral, Antonio Barreto de - op. cit., p.62.

(7) Ibidem, p.45.

(8) Ibidem, p.52.

de Voturuna, no termo de Parnaíba.

Acredita-se que por volta de 1589 (9), em prosseguimento às buscas do metal aurífero, tenha chegado em companhia de seu filho, Afonso Sardinha - o moço - ao Byraçoiaba ou Araçoiaba, único conjunto montanhoso do oeste de Sorocaba.

Com respeito a este Afonso Sardinha - o moço - grande companheiro de seu pai nas andanças pelo sertão, é aceito como o único filho de Afonso Sardinha, nascido em São Paulo, mas havido na constância do matrimônio e por isso mesmo os autores acham que deve ter sido mameluco.

Provavelmente acompanhava ainda o grupo, o técnico em mineração, Clemente Alvares.

No Araçoiaba, encontraram na flor da terra grandes quantidades de magnetita (minério de ferro) e aí no chamado vale das Furnas, construíram o primeiro estabelecimento de Siderurgia Nacional. É preciso lembrarmos que para se construir o Berço da Siderurgia Brasileira, em época tão remota (1589) e em local tão distante dos núcleos populacionais, muito pouco foi necessário.

Edificou-se a fábrica, com dois rústicos fornos para a fundição; estes eram do tipo catalão, isto é, dos mais primitivos que se conheciam e basicamente eram construídos por paredes de pedra, onde o minério de ferro, em blocos devidamente escolhidos, era aquecido ao rubro, e assim sem passar pela fase líquida, era transformado pela ação do malho no objeto de ferro que se desejava. Para que esse acontecimento fosse realidade era preciso apenas o abrigo das pedras, o carvão de lenha, o fole, o malho, a bigorna e o evidente conhecimento do método.(10)

(9) Os autores não são concordes com relação a data, utilizamos a indicada por Pedro Taques.

(10) Felicissimo Junior, Jesuino - História da Siderurgia de São Paulo, seus Personagens, seus Feitos. Boletim nº 49 do Instituto Geográfico e Geológico. Secretaria da Agricultura. SP., 1969. p. 04 e segts.

Acredita-se que o conhecimento dessa tecnologia empírica de extração do ferro, deve ter chegado até os nossos, por intermédio dos escravos africanos, dos quais o velho Sardinha foi o primeiro a importar para São Paulo. Importa esclarecer, que na África o minério de ferro era tratado de forma muito semelhante e em iguais condições de rusticidade.(11)

Desinteressando-se pela idéia de fundir o ferro e desejoso de encontrar ouro, Sardinha retirou-se de seu engenho, deixando-o entregue a um pequeno grupo de indivíduos, em boa parte elementos servís.

DE NOSSA SENHORA DO MONTE SERRAT A SÃO FELIPE

Entretanto, a notícia da fundição chegou ao conhecimento de Dom Francisco de Souza, sétimo governador geral do Brasil, o qual por volta de 1598 dirigiu-se para a vila de São Paulo e desta partiu para o Aragoiaba, ver as jazidas.

Internando-se pelo sertão, com sua vistosa comitiva, veio a conhecer a fábrica dos Sardinhas, trazendo entre outros, o engenheiro alemão Geraldo Beting, os mineiros Jacques Unhalte, também alemão, o florentino Baccio de Filicaia, o fundidor Cornele de Arzam, Domingos Roiz e vários outros.

Aqui recebeu de presente de Afonso Sardinha - o moço - um dos engenhos de ferro; animado e desejoso de ver a prosperidade da iniciática povoação, o governador achou por bem levantar pelourinho no ano de 1599, batizando o local de Nossa Senhora do Monte Serrat.

A nova povoação apesar das instâncias do Governador Geral, não conseguiu vingar, o ouro e a prata não apareciam e o ferro, não contentava. Assim provavelmente entre 1609 a 1611, os moradores procuraram formar uma outra povoação no local chamado Itavuvu. Com o retorno de Dom Francisco de Souza, este parece

(11) Almeida, Aluísio - Memória Histórica sobre Sorocaba (I) - Separata da Revista de História, SP.: nº 60 : 335-353, 1964. p. 338.

ter desistido de seu sonho diante da realidade e transferiu o pelourinho da extinta Nossa Senhora do Monte Serrat e batizou a do Itavuvu com o nome de São Felipe, como forma de homenagear o rei das Coroas I béricas.

Esta São Felipe, ficava bem no caminho das grandes bandeiras, que percorriam esta região em direção ao Guairá e às missões jesuíticas.

Só para citarmos um exemplo, em 1630, quando do retorno dos bandeirantes do Guairá completamente destruído, por aqui passaram os padres jesuitas castelhanos, Mazzetta e Mansilla, a acompanhar a indiarã da prisioneira.

Estavam a caminho de Madrid e de Roma, onde iam implorar por essas pobres almas.

A povoação de São Felipe entretanto não conseguiu progredir; estagnara-se com uma atividade apenas de subsistência e visitada de quando em quando pelos sertanistas, tomava conhecimento do que corria pelo mundo.

Por essa época, aproximadamente 1645, alguns moradores esparsos já habitavam a região que futuramente tomaria o nome de Nossa Senhora da Ponte de Sorocãba.

Foi nessa região que um dos Fernandes, Baltazar, tirou sua sesmaria e com toda a certeza deve tê-la transposto anteriormente em várias oportunidades junto às expedições das quais participara.

Os autores são unânimes em confirmar o ano de 1654, para a chegada de Baltazar Fernandes - o fundador - com sua enorme escravaria que já teria edificado as construções necessárias para poder se fixar.

OS FERNANDES

Os Fernandes têm sua origem em Santana de Parnaíba, filhos de Manuel Fernandes Ramos, natural de Moura, Portugal e de Suzana Dias, filha de Lopo Dias e Beatriz Dias, e esta filha de João Ramalho e Bea

triz Dias.(12)

Os cronistas referem-se aos Fernandes como "os povoadores", pois foram respectivamente, fundadores de Santana de Parnaíba, André e seus pais; de Sorocaba, Baltazar e de Itu, Domingos.

Destes Fernandes, sobressai André, que foi um dos maiores bandeirantes da caça ao índio. Participou da destruição do Guairá em 1630 e se fez presente ao ataque às reduções orientais do Uruguai em 1636.

Domingos Fernandes, era dos três o mais acomodado, mas mesmo assim acompanhava os desígnios da época e integrou algumas expedições, como a de Nicolau Barreto, mas logo procurou assentar-se e em 1610 fundava a povoação de Itu.

Baltazar, o segundo filho, seguiu as pegadas do irmão André e participou de diversas bandeiras preadoras.

Assim ao cabo de várias expedições, o sertanista reúne considerável número de bugres e torna-se um "potentado de arcos" ou seja de índios.(13)

Pela estimativa dos cronistas, por ocasião da fundação de Sorocaba, Baltazar Fernandes trouxe 400 índios.

Das atividades desenvolvidas durante a permanência em Vila Rica do Guairá, pouco se conhece; o certo entretanto é que aí nasceu a fusão entre as famílias Fernandes e Zuñega, resultado do casamento de Baltazar Fernandes com Maria Zuñega.

Dessa região, demandou com a família acrescida com o genro e outros em retorno a Santana de Parnaíba. Continuará entretanto a participar por mais algum tempo de bandeiras preadoras e obteve a sua ses

(12) Almeida, Cônego Luiz Castanho - Achegas à História de Sorocaba. s/ed. e s/d. p. 138.

Luís, Washington - Na Capitania de São Vicente. BH.:Ed.Itatiaia; SP.: Ed. USP. - 1980 . p. 142.

(13) Ellis Junior, Alfre - Os Primeiros troncos Paulistas. 2ªed., SP.: Ed.Nacional; Brasília, INL. 1976. p. 170.

maria por doação de seu irmão André, provavelmente em 1641.

Em 1648, a morte de André e mais alguns acontecimentos ocorridos em Santana de Parnaíba, são os indícios de que Baltazar Fernandes pretendia edificar sua própria povoação.

O testamento de sua segunda esposa, Isabel de Proença, sugere o ano de 1654 como o da mudança definitiva para as paragens de Sorocaba, acompanhado de toda a família.

Aos poucos vai atraíndo novos povoadores que vão se reunindo em torno da capela dedicada a Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba. Em 1661, já conseguiu reunir mais de trinta casais de brancos, o que lhe permitiu elevar a sua povoação à categoria de vila. Este fato se deu em virtude do atendimento da petição feita por Baltazar Fernandes ao Governador das Capitânicas do Sul, Salvador Correia de Sá y Benavides, que permitiu a transferência do pelourinho existente na vila de São Felipe ou Itavuvu, por essa época em de cadência, para o novo núcleo.

Baltazar Fernandes, pelas notícias que dispomos, teve uma filha do primeiro matrimônio e do segundo casamento houve nove filhas e três filhos. (14)

Baltazar Fernandes veio a falecer por volta de 1667 e seus restos mortais foram sepultados diante do altar mor da capela por ele edificada, atualmente dedicada a Santa Ana, junto ao Mosteiro de São Bento.

OS ZUÑEGA E OS PONCE DE LEON

Os Ponce de Leon eram descendentes de Marqueses da Espanha, que empobrecidos, rumaram para as Américas, encontrando-se entre os primeiros conquistadores de Assunção do Paraguai. (15)

(14) Marques, Manuel Eufrário de Azevedo - Apontamentos, Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo. BH., Ed. Itatiaia; SP. : Ed. USP., 1980. vol. I p. 100.

(15) Almeida, Aluísio - op. cit., (I) p. 347.

Estavam estes entre os primeiros moradores de Sorocaba, sendo conhecidos como "genros castelhanos" do fundador.

Ainda é desconhecido o motivo pelo qual os Ponce de Leon, os Zuñega e outros mais, emigraram da região guairenha para São Paulo.

Pedro Taques supõe que o motivo tenha sido algum crime de "lesa magestade".(16)

Os genros de Baltazar que o acompanharam foram dois irmãos, Gabriel Ponce de Leon e Bartolomeu de Zuñega y Leon.

Eram filhos de Barnabé Contreras e D^a Violante Gusman, ambos nascidos na extinta Vila Rica do Guairá.

Gabriel Ponce de Leon, tornara-se genro de Baltazar Fernandes, por casar-se com Maria Torales, filha única do primeiro matrimônio com Maria Zuñega, nascida em Vila Rica do Paraguai.(17)

Maria Zuñega, era filha de Bartolomeu Torales e Violante Zuñega.

Do casamento de Gabriel, houve um filho que se celebrizou como bandeirante; foi o Capitão André de Zuñega e Leon.

Este participaria de várias bandeiras preadoras e tornar-se-ia como o avô em um "potentado em arcos", sendo apontado como um dos maiores possuidores de escravos vermelhos da povoação de Sorocaba. Foi companheiro de Pascoal Moreira Cabral, nos ataques a Santiago de Xeres.(18)

Casou-se com Cecília de Abreu, sua tia consan

(16) Taunay, Affonso de E. - Ensaio da História Paulistana. Anais do Museu Paulista. SP.: Imprensa Oficial - Tomo X - 1941. p. 04.

(17) Almeida, Aluísio - op. cit., (I) p. 346 (Segundo Américo de Moura e Carlos de Silveira, Maria Torales seria apenas enteada.).

(18) Taunay, Affonso de E. - Ensaio da História Paulistana. op. cit., p. 03 e 04.

güinea ou afim, filha de Baltazar Fernandes e sua se
gunda mulher, Isabel de Proença. (19)

Bartolomeu de Zuñega y Leon, era casado com Ve
rônica Dias, filha do segundo casamento de Baltazar
Fernandes. (20)

O SEGUNDO PERÍODO DE 1670 A 1733:

OS MOREIRA CABRAL.

Família de notáveis sertanistas provenientes de São Paulo, possivelmente no rastro de indígenas e passando pelas já existentes povoações de Cotia e São Roque, vieram, abrindo picadas, sair na serra de São Francisco.

Nesta região, se fixou Pascoal Moreira Cabral que vai possuir sesmaria, a qual limitava-se com a de Baltazar Fernandes.

Esse paulista era filho do Capitão Pedro Álva
res Moreira Cabral e de Dona Sebastiana Fernandes. Fez diversas expedições pelo interior conduzindo ao cativo muitos índios, os quais depois de mansos eram utilizados para caçarem outros.

A sua opulência teria sido derivada do número de vermelhos cativos.

Embora seu objetivo fosse o apresamento de in
dígenas, evidentemente não desprezava a busca de metais.

Assim, em 1680, Pascoal Moreira Cabral e seu ir
mão, o Alcaide-mór Jacinto Moreira Cabral, acompanhã
ram o mineiro Frei Pedro de Souza em suas experiên
cias de fundição de ferro, no Morro do Araçoiaba.

Seu interesse acresceu-se a ponto de requerer e obter a Carta Régia de 05 de maio de 1682, pela qual foi autorizado para com Manuel Fernandes de Abreu, Martim Garcia Lumbria e seu irmão Jacinto Moreira Ca
bral, a levantar uma oficina para fabricar ferro no

(19) Almeida, Aluísio - op. cit., (I) p. 346.

(20) Ibidem.

Araçoiaba.(21)

Na sua fazenda fez construir uma capela, dedicada a Nossa Senhora del Populo; seria esta a primeira do atual município de Votorantim. Mas para evitar interpretações errôneas é necessário observar, que Pascoal Moreira Cabral, não deu início a nenhum povoamento; contentou-se apenas em edificar a sua fazenda.(22)

Pascoal Moreira Cabral casou-se com Mariana Leme, filha de Brás Esteves Leme e de Antonia Dias e deste houve vários filhos, dos quais destacaremos apenas um que levou o nome do pai. Este pioneiro dos primórdios de Sorocaba, faleceu em 1689, pouco depois de sua mulher, em 1678.

O segundo Pascoal Moreira Cabral, ou como desejam alguns atores, acrescido do nome Leme, ao que tudo indica, nasceu em Sorocaba, por volta de 1655, na fazenda do pai, hoje denominada de São Francisco, na localidade de Santa Helena, no Município de Votorantim.

Com respeito à sua genealogia, além dos pais e avós já citados, é interessante referir que o mesmo era, por parte do pai, bisneto do descobridor do Brasil, Pedro Alvares Cabral e por parte da mãe, descendia do legendário Tibiriçá.(23)

Desde pequeno, foi acostumado a acompanhar o pai nas andanças pelo sertão, advindo daí o amor à aventura.

No dizer do historiador Luis-Philippe Pereira Leite, com respeito a Pascoal Moreira Cabral, "...Sorocaba ofereceu-lhe a escola que lhe valeu a fama e o

(21) Marques, Manuel Eufrário de Azevedo - op. cit., vol. 2, p. 147.

(22) Almeida, Aluísio - Povoamento de Votorantim - Revista de Estudos Universitários, Sorocaba: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba., vol. 7, nº 02-1981., p 76.

(23) Leite, Luis-Philippe Pereira - Três Sorocabanos no Arraial. Sp.: Ed. Resenha Tributária. s/d., p.55.

seu próprio pai foi o mestre..." (24)

Os assentamentos paroquiais sorocabanos registram a enorme quantidade de selvagens que o jovem Pascoal Moreira Cabral e seu amigo André de Zuñega, trouxeram dos sertões, por volta de 1684 a 1685, tornando-os nos maiores proprietários da vila.(25)

Entretanto, como os sertanistas desse período, vai trocar a preia dos índios pela mineração. Em 1699, de acordo com os registros, está mineirando nos campos de Curitiba, já ao lado de seu amigo Miguel Sutil de Oliveira.

Essa expedição fora resultado de instâncias de Artur de Menezes, governador do Rio de Janeiro, quando em visita a Sorocaba.

Mais alguns anos e em 1710, novas notícias: Pascoal Moreira Cabral agora está nos campos de Miranda ou Mbotetêu.

Aí nessa região, um desejo mais complexo do que o simples enriquecimento, tanto pela caça ao bugre ou do encontro de minérios, apoderou-se de Pascoal, que pediu permissão para fundar um arraial nessas plagas, o qual não veio a se concretizar, porque a Metrópole portuguesa temia a proximidade dos espanhóis nestes sertões longínquos. (26)

Devido às grandes dificuldades e enormes distâncias que separavam esses bandeirantes de Sorocaba, era necessário possuir um ponto de apoio, onde pudessem abastecer-se de alimentos e Vacaria - Camapuã, tornaram-se a base dessas aventuras.

"E o roteiro do bandeirante, ao deixar Sorocaba, passou a ser invariavelmente o mesmo: descendo o rio Tietê, chegava à sua foz e seguia o curso do Rio Grande; entrava depois pelo rio Pardo ou rio Verde, a fim de ganhar as controvertentes

(24) Ibidem, p. 55.

(25) Desta bandeira, o artista plástico Ettore Marangoni, fez um quadro onde reconstitui a sua partida.

(26) Leite, Luis-Philippe Pereira - op. cit., p. 58.

do rio Paraguai; entrando por este último, sulcava-lhe as águas rumo às nascentes, demandando o rio São Lourenço, que o levava até as vizinhanças de Cuiabá."(27)

O roteiro mencionado fazia com que o bandeirante astuciosamente evitasse um confronto com as conquistas espanholas.

A bandeira que o tornaria célebre, partiu pouco depois de 1715 e internando-se pelo sertão de Cuiabá, vai encontrar ouro às margens do rio Coxipó-Mirim, tributário do Cuiabá e aí fundou, em 08 de abril de 1719, a povoação da Forquilha.

Alguns anos depois, com as descobertas feitas por outro sorocabano, Miguel Sutil de Oliveira, fizeram com que os forquilhaes se deslocassem para o novo arraial que se erigiu sob a invocação do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

Logo após a descoberta de ouro, Pascoal Moreira Cabral, tratou de reunir uma amostra e enviá-la para São Paulo, através de Antônio Antunes Maciel, para dar notícia ao governador da Capitania, Dom Pedro de Almeida Portugal, Conde de Assumar. Em São Paulo, este foi recebido com alvoroço e alegria, sendo que as boas novas logo se espalharam; como prêmio, o Capitão General passou provisão de Guarda-mor para Pascoal Moreira Cabral. (28)

Este posto ficou mais tarde confirmado pelo Governador Dom Rodrigo Cesar de Menezes, que em virtude de sua avançada idade, não atendeu à sua pretensão de ser o superintendente.

Foi Pascoal Moreira Cabral, casado com Izabel de Siqueira Cortes, natural de Itu, entre os anos de 1689 a 1710.

Não se tem certeza dos filhos; sabe-se apenas

(27) Ibidem, p. 58.

(28) Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo - op. cit., vol. 2, p. 117.

de um deles que recebeu o seu nome. Foi o terceiro Pascoal, e outro que levou o nome de Tomé e três filhas.

Contando aproximadamente 75 anos e bastante enfermo, veio Pascoal Moreira Cabral a falecer em fins de junho de 1730, em Cuiabá, sendo sepultado na Matriz da vila. (29)

OS SUTIL DE OLIVEIRA.

Como os anteriores, a família toda era constituída por sertanistas, mas dos quais poucos informes dispomos. Sabe-se que Sebastião Sutil de Oliveira, já havia falecido em 1724. No ano anterior, entretanto, estivera fazendo expedição mineira pela região de Araquara, na companhia de Frei Fructuoso da Conceição.

Mas o mais célebre dos Sutil de Oliveira, foi Miguel, que de acordo com todos os documentos, é sorocabano. Em 1699, em virtude das insistências do governador do Rio de Janeiro, Artur de Menezes, que visitou a vila de Sorocaba, foi junto com Pascoal Moreira Cabral, devassar o sertão de Curitiba em busca de minérios.

Em 1721, atraído pelas desobertas de ouro na região de Cuiabá, para aí se dirigiu e se estabeleceu nas proximidades do córrego da Prainha, onde foi encontrada a maior mancha de ouro daquelas minas. As versões para o achado são desconstruídas; segundo velhas crônicas e narrativas, é a seguinte:

"Em outubro de 1722, o sorocabano Miguel Sutil, dirigira-se a este sítio, onde tinha dado princípio a uma roça de mantimento. Chegado, fez as plantações e mandou dois índios com machado e cabaças à procura de mel de pau. Alta noite, voltaram eles ao rancho, sem trazer uma só gota de mel. Às palavras irritadas com que os recebeu o Sutil, replicou logo o mais ladino: - Vós viestes buscar ouro ou mel? - e metendo a mão

(29) Leite, Luis-Philippe Pereira - op. cit., p. 74.

no seu jaleco de baeta, tirou um embrulho feito de folhas. Alí estavam vinte e três graneletes de ouro que, pesados, representaram cento e vinte oitavas. Na madrugada seguinte, guiado pelos dois índios meleiros, seguiram Sutil, um seu companheiro e os escravos para o lugar onde, à flor da terra, reluzia o cobijado metal. Depois de ali trabalharem todo o dia recolheram-se ao rancho, o Sutil com meia arroba de ouro e seu camarada, o português João Francisco, alcunhado o Barbado, com seiscentas oitavas."(30)

Essa quantidade de ouro foi o suficiente para atrair a atenção de outros garimpeiros das proximidades e deslocá-los para as novas jazidas.

Assim se deu a mudança dos povoadores da Forquilha, onde havia se instalado Pascoal Moreira Cabral, para o arraial cuiabano.

Retornou a Sorocaba, mas de toda a riqueza, nada conseguiu conservar; morava no Itanguá e aí quase centenário tinha como último desejo,..."que suas exéquias tivessem música e missa, em ação de graças pelo seus feitos."(31)

Infelizmente, o testamenteiro não pôde satisfazer aos seus humildes desejos, considerando o seu estado de pobreza.

OS MACIÉIS.

A família Maciel tem sua origem na nobreza mineira, sendo quase todos eles descendentes do fidalgo João Maciel, Alcaide-mor de Vila Nova de Cerveira, nascido antes de findar o século XIV.

Vários ramos desse tronco comum se fixaram em regiões diferentes do Brasil e em cada uma delas colaboraram de forma saliente para a expansão geográfica do Brasil. Entretanto, no presente artigo, trataremos apenas daqueles que tem relação específica com a

(30) Holanda, Sérgio Buarque de - As Minas-op.cit., p. 134.

(31) Leite, Luis-Philippe Pereira- op. cit., p. 91.

vila de Sorocaba. São estes descendentes de João Maciel, que se radicou em São Paulo antes de 1570.(32)

Os Maciéis sorocabanos são originários de João Antunes Maciel - o velho -, bandeirante que estivera percorrendo as regiões entre Paranaguá e Curitiba e os campos vizinhos, procurando ouro por volta de 1680. Adquiriu sesmaria ao lado do caminho de Curitiba, antes do rio Sarapuí. Em data imprecisa, edificou nos campos do Pirapora, a sua sede ou, como se expressa Aluísio de Almeida, seu "ninho de águias".(33)

Os Antunes Maciéis, foram além do pai, cinco filhos: Miguel, João (homônimo do pai), Gabriel, Antônio e Felipe; todos se destacaram como sertanistas. Não se pode precisar o local de nascimento desses irmãos; acreditamos que apenas dois ou três deles foram sorocabanos, mas de qualquer forma todos cresceram ou moraram aqui.(34)

Miguel Antunes Maciel, segundo alguns autores, era o primogênito e ao que tudo indica foi o mais acomodado de todos e em 1724, exercia o cargo de juiz ordinário. Mas, em 1725 ou 1726, organizou uma bandeira a Cuiabá, na qual foi morto pelos aguerridos paiaguás, depois de heróica refrega. Desta nos chegou o seguinte relato:-

"...pellejarão com elle desde as oito horas do dia, thé as duas da tarde, primeiro com armas de fogo, e ao depois, largando estas,

(32) Santos, J.F. de Assumpção - Relação comentada de Maciéis radicados no Brasil ou filhos da terra - Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. - 1960. nºs 04 e 05 - p. 32.

(33) Almeida, Aluísio - Memória Histórica sobre Sorocaba. (II)- Separata da Revista de História. SP.: nº 61 - 75-92, - 1965. p. 77.

(34) Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo - op. cit., vol. I, p. 239 e vol. II, p. 31.

com espadas rebatendo com valor as lanças dos gentios; e perdidos os remeiros e mais campanha, elles sós sustentárão a pelleja, matando e ferindo á muitos barbaros com as mesmas lanças q das mãos lhe arrancavão; mas como sobre elles cahia todo o ferino poder, renderão finalmente as vidas a troco de muitas que tirárão, deixando vasta e subida matéria p^a os mais subidos elogios".(35)

Com ele tombou o seu primo ituano, Antônio Antunes Lobo.

João Antunes Maciel parece ter nascido por volta de 1674. Com as descobertas auríferas em Minas, foi para essa região, provavelmente acompanhado do pai e de alguns irmãos.

Aí serviu na qualidade de Capitão e de Sargento-mor, organizou 40 homens que pagos à sua custa, marcharam para o Rio de Janeiro para auxiliar contra a invasão dos franceses.

Durante a guerra dos emboabas em 1709, para não romper seu juramento de fidelidade, colocou-se ao lado dos reinóis. Desempenhou ainda os cargos de Tenente-Coronel de um regimento, Guarda-mor das minas de São José e São João d'El Rei em 1711, sendo eleito primeiro juiz ordinário, por ocasião da elevação a vila de São João d'El Rei, no arraial do Rio das Mortes.

Abandonou as Minas por volta de 1717, quando formou a grande bandeira dos Antunes Maciéis, integrada pelos seus irmãos, Gabriel e Felipe.

Por três vezes rebuscou os sertões de Cuiabá, aí aprisionando enorme quantidade de indígenas.

Com a notícia da descoberta de ouro naqueles

(35) Santos, J.F. de Assumpção - op.cit., apud. Barbosa de Sá, José - Relação das pvoações do Cuyabá e Mato Grosso, desde seus princípios, thé o presentes tempos (1775) . p. 42.

sertões, abalou-se em uma quarta expedição, que muito contribuiu para o aumento das descobertas, pelo número de escravos que possuía.

Em 1724, exerceu o cargo de superintendente das Minas, cabendo-lhe a administração e justiça, motivo pelo qual iniciou a construção da cadeia e logo impôs rigorosa ordem e lei. A 20 de agosto de 1735, o governador Dom Rodrigo Cesar de Menezes, o encontrou bastante doente em Camapuã. Viria a falecer logo depois, na transposição do Rio Paraná.(36)

Seguindo-se o costume da época, colocaram fogo sobre a sepultura para apressar a decomposição. Seus ossos foram trazidos pelos companheiros e encomendados a 2 de junho de 1727, na Matriz de Sorocaba. Devido ao largo dispêndio no serviço das descobertas, a fortuna do Coronel João Antunes Maciel desapareceu, mas em 1755 foi agraciado com o hábito de Cristo, remunerando-o com uma tença de 40\$, a qual foi requerida pela viúva(37)

Gabriel Antunes Maciel, como seus irmãos, foi notável sertanista e conhecedor exímio de nosso território; no ano de 1721, ofereceu-se ao governador para abrir um caminho por terra de Sorocaba até o Rio Grande, nome pelo qual se conhecia o rio Paraná. A oferta não foi aceita, mas o sertanista continuava a gozar de grande prestígio, pois a 3 de dezembro de 1723, o governador Dom Rodrigo Cesar de Menezes, mandou-lhe passar a patente de Capitão-mor de Sorocaba. A própria carta patente, refere-se à experiência que o mesmo possuía através dos muitos anos que dera combate ao gentio e as buscas às minas de ouro, notadamente na região de Cuiabá, para onde fora um dos primeiros a ir. Com a finalidade de atender às solicitações do Capitão General Conde de Sarzedas, retornou

(36) Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo - op. cit., vol.2,p.30.

(37) Santos, J.F. de Assumpção - op. cit., p. 36.

com forte expedição à região das minas em Mato Grosso, para dar combate aos ferozes índios paiaguás, contenda esta que trouxe extraordinário resultado, fugitando e dizimando consideravelmente aquela nação indígena. A Gabriel Antunes Maciel junto com o paulista Gaspar de Godói Moreira, deve-se, o descobrimento do rio Paraguai-Diamantino em 1728 e o começo da povoação conhecida pelo nome de Alto Paraguai Diamantino, por haverem nele sido descobertos alguns diamantes.(38)

No ano de 1734, morreu lutando contra os paiaguás no rio Paraguai.

Antônio Antunes Maciel participou da bandeira de Pascoal Moreira Cabral e foi escolhido para levar ao governador a notícia da descoberta de ouro em Cuiabá. Fez várias expedições de caça ao índio e de exploração aurífera. No ano de 1726, recebeu o governador nos arredores de Cuiabá e conseguiu a aprovação deste para atacar os índios parecis. Em 1727 junto com seus irmãos Gabriel e Felipe, efetivou o ataque aos parecis. Posteriormente também vai participar da guerra contra os paiaguás. Retornou a Sorocaba, onde recoiheu-se após 1733 e veio a falecer por volta de 1745, em sua fazenda nas proximidades da atual estação de Iperó, deixando considerável quantidade de escravos negros e administrados vermelhos.(39)

Felipe Antunes Maciel foi o mais novo dos irmãos, sendo que alguns autores tinham dúvidas com relação a sua filiação, à qual já foi sobejamente confirmada e é quase certeza ser este natural de Sorocaba

(38) Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo - op. cit., vol. 1º, p. 293 e 294.

Almeida, Aluísio - Memória Histórica sobre Sorocaba (II) - op. cit., p. 83.

(39) Almeida, Aluísio - Memória Histórica sobre Sorocaba. (II) - op. cit., p. 83.

Santos, J.F. de Assumpção - op. cit. p. 37.

ba. Como os demais, participou de várias expedições sertanistas, sendo companheiro inseparável de seu irmão Gabriel. Em 1727, esteve junto com seus manos na caça aos gentios parecis e depois participou da guerra contra os paraguás, onde se destacou pela sua ferocidade na expedição punitiva do Alto Paraguai, dizando vingar a morte do irmão Gabriel.(40)

OUTROS.

Necessário se faz que mencionemos ainda alguns nomes de bandeirantes sorocabanos, que por alguns de seus feitos, merecem uma nota ainda que seja a título de simples curiosidade.

SARGENTO-MOR JOÃO MARTINS CLARO.

Era natural de Miranda do Douro, Portugal; instalou-se em Sorocaba, na qual aparece em registros a partir de 1693. Temos, entretanto, notícia do mesmo desde 1677, quando na qualidade de simples praça, fazia pesquisa de minas na região de Cananéia e Paranaguá, tendo vindo das Capitanias do Norte, provavelmente da Bahia. Em 1680, a sua presença é acusada, nos trabalhos de fundação da Colônia do Sacramento.

Recebeu a patente de Sargento-mor da vila de Itu e também da Capitania de Itanhaém, à qual pertencia a vila de Sorocaba. Apesar deste sertanista ter sido apenas um explorador de ouro e não um bandeirante caçador de índios, foi homem opulento e de grande prestígio social.(41)

De suas diversas incursões sabe-se ainda que minerou no Araçoiaba e por volta de 1720, esteve percorrendo os sertões entre o Paranapanema e o vale do R

(40) Santos, J.F. de Assumpção - op cit. p. 37.

(41) Sonetti, Carlos - Esboços Genealógicos - Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. nº 04 e 05.: 11-21.- 1950. p. 13.

beira. Na ausência de melhor documentação, alguns autores formam a suposição que João Martins Claro teria com suas empreitadas, chegado até o território de Minas Gerais.

Foi o Sargento-mor João Martins Claro, o segundo marido de Inácia Pais de Barros, filha de Fernão Pais de Barros.

Desse casamento houve vários filhos, dos quais destacaremos dois: Artur e Fernão Pais de Barros, pelas suas atividades como bandeirantes.

João Martins Claro, veio a falecer pobre em Sorocaba aos 22 dias do mês de março de 1725 e em cumprimento das disposições testamentárias, foram seus restos mortais levados para Itu, a fim de ser enterrado no jazigo da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. (42)

ARTUR E FERNÃO PAIS DE BARROS.

Os irmãos Artur e Fernão Pais de Barros, filhos do Sargento-mor João Martins Claro, eram sorocabanos; Artur, afilhado do governador do Rio de Janeiro, Artur de Sá e Menezes e Fernão, que nascera em 1700.

Ambos destacaram-se no banderismo, partindo de Cuiabá em 1734 à procura dos selvagens parecis e depois de haverem capturado alguns índios, vão descobrir as ricas minas junto ao rio Galera, um dos afluentes do Guaporé. (43)

Nesse mesmo ano e local aproximado, fundaram a povoação de Vila Bela de Mato-Grosso, de onde originou o nome de Capitania, Província e Estado. (44)

(42) Almeida, Cônego Luiz Castanho. - op. cit., p.145, 163 e 169.

(43) Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo - op. cit., vol. 1º p. 273; vol. 2º, p. 110 e 111.

Almeida, Cônego Luiz Castanho. - op. cit., p.169.

Almeida, Aluísio - Memória Histórica sobre Sorocaba (II), op. cit., p. 84.

(44) Taunay, Affonso de E. - Ensaio da História Paulista. op., cit. p. 10 e segts.

Com este feito, assentavam-se as bases para a conquista do interior do Amazonas e realizava-se a ligação interna entre o sul e o norte.

BRAZ MENDES PAIS.

Este bandeirante veio de Santo Amaro, mas esta beleceu residência em Sorocaba, de onde organizava as suas expedições de caça ao bugre e foi homem de importância na vila, onde exerceu o cargo de juiz ordinário, em 1721.

Sob seu comando, realizou-se uma bandeira em 1682, com o objetivo de preagem de indígenas nos sertões da Vacaria Matogrossense. Nesse local, a bandeira resolveu levantar acampamento e aproveitar-se da abundância de gado que aí se multiplicava livremente sem dono. Estavam assim a descansar quando foram surpreendidos pelo aparecimento de um mestre de campo castelhano, da Província do Paraguai, acompanhado de 300 soldados de cavalaria. Este chefe, fez visita ao acampamento do Capitão-mor Braz Mendes Pais e o presenteou com excelente erva chamada congonha e estabeleceu-se um bom relacionamento. Aproveitando-se disto, o mestre de campo armou o seu acampamento à pequena distância dos paulistas, dando sempre visível demonstração de força. O relacionamento entre os dois acampamentos, porém, sempre foi amigável. Até que, em uma determinada manhã, o chefe castelhano com um bom número de soldados a pé, adentrou no acampamento paulista e procurando o líder destes, iniciou um longo discurso referindo-se ao sertão da Vacaria, o qual era propriedade do rei da Espanha e para que todos reconhecessem esse fato, era necessário que todos assinassem um termo que já trazia pronto.

O Capitão-mor e alguns dos bandeirantes, de pronto iniciaram a assinatura do documento solicitado, até que o ituano, Pedro Leme da Silva, alcunhado de

Torto, por ser caolho, enfureceu-se e apanhando de sua arma de fogo a engatilhou e interrompeu dizendo, que ele e nem os demais assinariam aquele papel, porque aquelas terras sempre foram e pertenciam ao rei de Portugal. Imediatamente ao acontecido, todo o corpo paulista pegou em armas e o chefe da tropa castelhana não da mais pode fazer, a não ser a retirada, mas após alguns passos voltou-se e disse apontando para o paulista - " MIREM EL TUERTO ! E Pedro Leme da Silva, ouvindo-lhe o vitupério, respondeu-lhe em alta voz:-E COXO TAMBÉM ! "(45)

O acontecimento atravessou o Atlântico e chegou ao conhecimento do Rei D. Pedro e quando em 1698, ao chegar em São Paulo o governador das capitâneas do sul, Artur de Sá e Menezes disse que recebeu ordem para agradecer a Pedro Leme da Silva pelas ações praticadas.

"El Tuerto" era filho do ituano Domingos Leme da Silva e sua primeira mulher Francisca Cardoso; este entretanto veio a casar-se pela segunda vez em Sorocaba, no ano de 1679, com uma neta de Baltazar Fernandes.

Foi "El Tuerto" o pai dos célebres irmãos Lemes. (46)

BRAZ ESTEVES LEME.

A documentação se refere a este sertanista com o nome de Braz Teves e foi um dos primeiros povoadores de Sorocaba.

Aluísio de Almeida o compara com João Ramalho, pois como este, Braz Teves foi um patriarca.

Era filho mameluco de pai homônimo, que não

(45) Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo - op. cit., vol. 1º, p. 158.

(46) Almeida, Aluísio - Memória Histórica sobre Sorocaba (II). op. cit., p. 80.

contraíra matrimônio e tivera catorze filhos de diversas índias.

Casou-se com Antônia Dias, de quem teve seis filhos legítimos e como seu pai, teve catorze filhos ilegítimos com as índias carijós de sua casa.

Tornou-se sogro de Pascoal Moreira Cabral - o velho - e portanto foi o avô do Pascoal Moreira Cabral, fundador de Cuiabá. Foi um dos grandes sertanistas do período de caça ao índio, encontrando-se presente nas bandeiras que atacaram as missões do sul e do Guairá, de onde proveio sua enorme riqueza em indígenas.

Acredita-se que graças a essa escravaria é que conseguiu afazendar-se nos campos do Itapeva (Serra de São Francisco) e mais tarde ceder este ao seu genro, o primeiro Pascoal Moreira Cabral, assim como um grupo de carijós mansos o que lhe permitiu iniciar suas próprias bandeiras de preagem.

Posteriormente transferiu sua moradia para um sítio além do rio Sarapuí, junto a barra deste no Sorocaba, distante desta vila aproximadamente 7 léguas. Aí fez construir a sede de sua nova fazenda e edificou uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. (47) Veio a falecer em 1678.

MANUEL CORREIA.

Um aspecto curioso da época das bandeiras pode ser lembrado através dos feitos de Manuel Correia. Consta que este sertanista em data incerta, (os historiadores oscilam entre 1647 a 1719) embrenhara-se na região do Araguaia e encontrara um pequeno rio ocupado pelos famigerados Aráes, onde retirara algumas oitavas de ouro. Mais tarde, essa Capitania, devido aos índios goiazes serem os habitantes do local de

(47) Almeida, Cônego Luiz Castanho - op. cit., p. 172, 173 e 174.; Almeida, Aluísio - Memória Histórica sobre Sorocaba (I) p. 347.

maior riqueza, recebeu o nome de Goiás. Esse Manuel Correia, o primeiro que encontrou ouro em Goiás, tornou-se à vila de Sorocaba e mandou fazer uma coroinha para a imagem de Nossa Senhora do Pilar, que ficava no altar lateral esquerdo da Igreja do Mosteiro de São Bento.

No dizer de Aluísio de Almeida, Manuel Correia "não ficou rico e milionário. Mas entrou na história das bandeiras com uma nobreza de sentimentos que marcou uma época." (48)

JOÃO ANTONIO CABRAL CAMELO.

Negociante português que realizou uma bandeira fluvial de Sorocaba para Cuiabá. Esta monção tornou-se uma das mais conhecidas, pelos acontecimentos registrados e pela profusão de documentos que nos legou.

A partida de Sorocaba ocorreu no ano de 1727; carregados de mercadorias para negócio e alguns escravos, chegaram em Cuiabá a 21 de novembro do mesmo ano. (49)

Aí se deteve por dois anos, saindo a 15 de maio de 1730, junto com o doutor ouvidor Antônio Alves Lanhas Peixoto. A 6 de junho, navegando pelo rio Paraguai, enfrentaram forte ataque dos índios paiaguás, onde tombou o Dr. Lanhas. (50)

Este desfecho deu origem à chamada "guerra dos paiaguás," onde os sorocabanos representados pelos Maciéis dariam grande contribuição. (51)

(48) Almeida, Cônego Luiz Castanho - op. cit., p.178.

Casal, Manuel Aires de - Corografia Brasileira ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil. BH.; Ed. Itatiaia; SP.: Ed. USP., 1967. - p.145.

(49) Taunay, Afonso de E. - Relatos Monçoneiros. BH.; Ed. Itatiaia; SP.: Ed. USP., 1981. p. 118, 119 e segts.

(50) *Ibidem*, p. 133 e segts.

(51) Almeida, Aluísio - Memória Histórica sobre Sorocaba. (II) op. cit., p. 87.

CONCLUSÃO.

Do exposto, podemos com facilidade concluir que Sorocaba em seu passado, fez por bem merecer o título de filha diletta do bandeirismo, pois quando vingou, produziu frutos de igual quilate.

Heróicos bandeirantes, enfrentando com denodo a questão crucial de sua sobrevivência, aventuravam-se pelas imensidões incógnitas do mar verde, mas no qual anteviam escondidas as riquezas de que necessitavam.

Tudo girava inicialmente em torno da caça ao índio, porque a posse destes "arcos" representava a riqueza, a capacidade de se estabelecer com suas fazendas e o aproveitar-se destes para prear outros, criando um círculo vicioso.

Das perambulações pelo sertão, seguindo parte em trilhas de bugre e outro tanto através dos rios, deu-se a conhecer as paragens de Sorocaba.

Alguns destes sertanistas, acreditando ter soa do a hora para o assentar, transformaram-se nos primeiros povoadores e moradores; assim o fizeram Baltazar Fernandes, Gabriel Ponce de Leon, o primeiro Pa^scoal Moreira Cabral e outros tantos.

As famílias transmitem seus costumes aos seus filhos, educam-nos para seguir os grandiosos passos de seus pais, transformam-nos em autênticos "calções de couro", a descobrir riquezas, conquistar territórios, repelir invasores, tudo em prol do Brasil que se formava.

Apesar de nunca terem deixado de procurar riquezas minerais, as bandeiras que tinham preferência pe^{lo} "maloquear" os selvagens, foram estimuladas pelas notícias provenientes das Minas Gerais relativas às descobertas e concentraram suas atenções nesse tipo de atividade.

Assim aos poucos, Sorocaba transformou-se em um trampolim de onde se alçou uma raça de gigantes para

feitos homéricos.

Sua gente esteve nos campos da Vacaria Matogrossense, com Braz Mendes Pais, onde com inferioridade numérica soube se impor às exigências castelhanas. André de Zuñega com companheiros vasculharam longo percurso do Miranda, distendendo nossas fronteiras.

Pascoal Moreira Cabral descobriu ouro no Coxipó Mirim, sendo secundado por Miguel Sutil de Oliveira e destas iniciativas nasceu Cuiabá. Graças à ação dos irmãos Maciéis, as povoações matogrossenses mantiveram-se a salvo dos aguerridos paiaguás, cuja intensidade já levava El Rei ordenar a evacuação geral do distrito cuiabense, em 16 de janeiro de 1732.

O território dos goiazes também foi palmilhado por Manuel Correia, que trouxe de lá o primeiro ouro, o qual fundido em singelo diadema, foi ofertado à imagem de Nossa Senhora do Pilar, majestoso gesto da ardente fé.

Os irmãos Artur e Fernão Pais de Barros levaram suas investidas até as vertentes do Amazonas, com a fundação de Vila Bela do Mato-Grosso. Daqui ainda partiram várias outras bandeiras em feitos também grandiosos, aos quais não nos foi possível dar a devida atenção.

Podemos, num arrojo de regionalismo, afirmar que deve-se ao bandeirismo sorocabano a conquista do oeste brasileiro, a de ter iniciado uma povoação no centro do coração da América do Sul - Cuiabá.

Se os sorocabanos não fizeram mais, foi por absoluta impossibilidade; faltaram-lhe braços e recursos materiais; exauriram-se para dar a São Paulo e ao Brasil, a sua contribuição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Aluísio - História de Sorocaba - Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. 1969.
- ALMEIDA, Aluísio - Povoamento de Votorantim - Revista de Estudos Universitários. Sorocaba : Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba , vol. 7, nº 02 : 73-78. 1981.
- ALMEIDA, Aluísio - Memória Histórica sobre Sorocaba. (I) - Separata da Revista de História, SP.: nº 60 : 335-353, 1964.
- ALMEIDA, Aluísio - Memória Histórica sobre Sorocaba. (I) - Separata da Revista de História, SP.: nº 60 : 335-353, 1964.
- ALMEIDA, Aluísio - Memória Histórica sobre Sorocaba. (II) - Separata da Revista de História, SP.: nº 61 : 75-92, 1965.
- ALMEIDA, Cônego Luiz Castanho - Achegas à História de Sorocaba. s/ed. e s/d..
- AMARAL, Antonio Barreto de - Afonso Sardinha: um vereador do século XVI. Revista do Arquivo Municipal. Secretaria da Educação da Prefeitura Municipal de São Paulo. SP., nº 178: 37-71. Jul/Set. 1969.
- BRUNO, Ernani Silva - Viagem ao País dos Paulistas. RJ.: José Olympio., 1966.
- CASAL, Manuel Aires de - Corografia Brasileira ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil. BH. : Ed. Itatiaia ; SP. : Ed. USP., 1967.

- ELLIS Junior, Alfredo - Os Primeiros Troncos Paulistas. 2ª ed., SP.: Ed. Nacional; Brasília, INL. 1976..
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - O Extremo Oeste. SP.: - Brasiliense; Secretaria de Estado da Cultura, 1986.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de - As Monções - Curso de Bandeirologia. SP.: Departamento Estadual de Informações. : 123-146.
- LEITE, Luis-Philippe Pereira - Três Sorocabanos no Arraial. SP. : Ed. Resenha Tributária. s/d.
- LEME, Pedro Taques de Almeida Paes - Nobiliarquia Paulistana histórica e genealógica. 5ª ed., BH.: Ed. Itatiaia; SP.: Ed. USP., 3 vols. - 1980.
- LUÍS, Washington - Na Capitania de São Vicente. BH. : Ed. Itatiaia; SP.: Ed. USP. - 1980.
- MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo - Apontamentos, Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo. BH. : Ed. Itatiaia; SP.: Ed. USP. - 2 vols. - 1980.
- SANTOS, J.F. de Assumpção - Relação comentada de Macieis radicados no Brasil ou filhos da terra-Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico nºs 04 e 05.: 31-42. - 1960.
- SONETTI, Carlos - Esboços Genealógicos - Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. nº 04 e 05.: 11-21 - 1960.
- TAUNAY, Afonso de E. - Relatos Monçoneiros. BH.: Ed. Itatiaia; SP.: Ed. USP., 1981.
- TAUNAY, Affonso de E. - Ensaio da História Paulistana. - Anais do Museu Paulista. SP.: Imprensa Oficial. - Tomo X. : 223, 1941.